

RESENHA DO LIVRO ZERO, ZERO, ZERO,  
DE ROBERTO SAVIANO

REVIEW OF "ZERO, ZERO, ZERO",  
BY ROBERTO SAVIANO

**José Geraldo Brito Filomeno**

filomeno@uol.com.br

Procurador de Justiça aposentado.

Membro da Academia Paulista de Direito.



SAVIANO, R. *Zero, Zero, Zero*. Giangiacomo Feltrinelli Editore, Milão, série *Narratori*, 2013, 440 páginas<sup>1</sup>.

1. **Do autor** – ROBERTO SAVIANO nasceu em Nápoles, Itália, em 1979. É autor do *best seller* internacionalmente conhecido *Gomorra* (Ed. Mondadori, 2006), e que inspirou filme com o mesmo título, além de ter sido traduzido em mais de cinquenta línguas. Com a Editora Feltrinelli publicou, em 2011, *Vieni via con me*. Desde outubro de 2006 vive sob escolta policial em decorrência das ameaças que tem sofrido dos clãs mafiosos que denunciou.

2. **Do livro** – Trata-se de uma narrativa extremamente realista, crua e seca do crime organizado em todo o mundo, no que concerne ao tráfico internacional de drogas, com destaque para a cocaína.

2.1. No primeiro capítulo, em suma, fala da penetração assustadora do que chama de *polvere bianco* --- o pó branco ---, cujo consumo já assumiu extensão e intensidade epidêmicas. E o que até há cerca de trinta anos ou menos era um produto consumido por uma elite econômica, hoje o é por pessoas de todas as classes sociais, dependendo seu custo de maior ou menor pureza. Relata, ainda, os principais pontos de uma entrevista que teve com um jovem traficante de origem italiana em New York, que lhe abriu as portas para uma pesquisa mais abrangente. Infeliz coincidência ou não, esse jovem pouco tempo depois acabou por perecer num acidente de um carro de luxo italiano que dirigia, acidente esse em circunstâncias não bem esclarecidas.

2.2. Em seguida começa sua impressionante narrativa discriminando os *países atores* envolvidos com o tráfico internacional de cocaína em: *países produtores* (a Colômbia, o maior deles, o Peru, a Bolívia e, em menor escala, no Equador); *países distribuidores-condutores-intermediários* (com seus grupos organizados para a *escala* ou *passagem* da droga como México, Brasil, Paraguai, países africanos, todos com influência direta ou dirigidos pelas máfias italianas, norte-americanas, russas e do leste europeu); e *consumidores* (com destaque para os Estados Unidos e os países da Europa ocidental, mas também espalhados por todo o globo terrestre). Antes, porém, de se tornar a *droga globalizada* por excelência, a cocaína foi precedida da *heroína*, sem se esquecer da *maconha*, obviamente. E o México era o país produtor por excelência. Não de cocaína, mas de ópio, do qual deriva a *heroína*, com vastas plantações de papoula negra. Por razões e mecanismos pouco esclarecidas, porém, o próprio governo mexicano acabou por erradicar efetivamente essas plantações, com certa e inesperada rapidez, abrindo caminho para as gangues mexicanas como poderosas organizações de intermediadores do comércio ilegal de drogas.

2.3. Os capítulos seguintes, em apertada síntese, cuidam das organizações criminosas na Itália, com destaque para a calabresa *N'Drangheta*, seus principais pontos e modos de desembarque da droga proveniente da América Latina, notadamente no porto de Gioia Tauro, suas ligações com as *Famílias Mafiosas* dos Estados

1 Tradução do autor da presente resenha, quando necessário em citações literais.

Unidos, sua liderança no tráfico, e violência praticada por seus membros no sentido de assegurarem esse mesmo tráfico. Trata, igualmente, do crônico processo intimidatório de rivais ou concorrentes, bem como da endêmica corrupção de autoridades em diversos níveis.

2.4. O autor fala, ainda, dos cartéis de Medellín e Cali, na Colômbia, sua ligação com grupos terroristas, e seu aparente desmantelamento, principalmente após ter o governo local permitido a extradição de grandes traficantes aos Estados Unidos, em razão de ser a principal destinação dos enormes carregamentos de cocaína, substituídos, entretanto, por grupos menores mas não menos ferozes e bem organizados, geralmente protegidos por milícias às quais também se opõem outras, a pretexto de combatê-las.

2.5. Concentra-se, também, nas organizações violentíssimas do México, em especial os *Zetas*, e seus arquiinimigos do *Cartel do Golfo*, verdadeiros exércitos particulares e com sicários extremamente cruéis no tratamento de seus opositores, concorrentes, ou simples suspeitos de colocarem em risco as atividades desses traficantes. Os requintes de crueldade são descritos de forma seca, como, por exemplo, a decapitação das vítimas e exposição das cabeças em estacas e muros, não sem antes torturá-las, e o desfazimento de seus corpos mediante o seu *derretimento* em barris especialmente preparados com uma solução de soda cáustica e outros produtos químicos. Trata, igualmente, das gangues mais recentes, como a dos *Maras*, instituída por exilados salvadorenhos nos Estados Unidos em decorrência de crônica guerra civil ali desencadeada por anos a fio, e hodiernamente espalhados nesse país, bem como em toda a América Central, quando do retorno dos exilados.

2.6. As atividades dos africanos não é menos importante para que a droga chegue aos destinos consumidores, tratando o autor dos *mulas*, inclusive, com a deglutição de cápsulas especiais contendo cocaína, ou sacos plásticos inseridos sob a pele de cães, posteriormente mortos para a recuperação das mesmas cápsulas. Cita, ainda, o caso de caminhonetes caras que são carregadas de cocaína especialmente embalada com material impermeável e, posteriormente, precipitadas ao mar de onde é recuperada por barcos.

2.7. Fala, ainda, da verdadeira e sofisticada engenharia de logística empreendida pelos traficantes internacionais, que passa pela utilização de aeronaves planadoras, *homens-projéteis*, catapultados em gaiolas de vime ou de ferro para dentro do território norte-americano, bem como do sofisticado emprego de submarinos para o tráfico entre a América do Sul, do lado do Oceano Pacífico, e as costas do México ou países da América Central, de onde os carregamentos de cocaína partem para a América do Norte por terra ou outros meios de transporte. O meio mais longo, principalmente para a Europa, é feito por meio de contêineres, mediante a corrupção de agentes portuários e alfandegários, e que levam toda a sorte de mercadorias, sem se falar de fundos falsos de malas, aparelhos de ginástica e para a construção civil,

de *mulas*, e outros meios inimagináveis de transporte<sup>2</sup>. Se não embarcada, a droga é acondicionada em dispositivos dotados de superfícies imantadas, que são *coladas* aos cascos e navios com destino à Europa, por intermédio de mergulhadores especialmente recrutados e treinados por agentes a serviço da *NDenghetta* calabresa. Segundo Saviano as apreensões da droga pelas agências de combate ao tráfico internacional, apesar da sofisticação de meios de investigação e grandes investimentos, chegam, quando muito, a 10% (dez por cento) do total que efetivamente atinge aos mercados consumidores em todo o mundo por meio de uma rede bem organizada de tráfico<sup>3</sup>.

2.8 Saviano destaca, ainda, a participação de mulheres líderes nas organizações, sobretudo, na Colômbia e México, bem como da participação de grupos criminosos russos nesse comércio ilícito.

2.9. O empreendimento criminoso, segundo Saviano, conta, ainda, com um sofisticado e imprescindível sistema de *lavagem de dinheiro* dele decorrente, muitas das vezes envolvendo bancos tidos como tradicionais e relevantes, e que acabaram sendo absorvidos por outros, quando da descoberta dessas manobras, ou, então, simplesmente falindo. Apesar disso, contudo, a *lavagem* do dinheiro advindo do tráfico conta com outros modos criativos e quase imperceptíveis de desmantelamento, além de maciços investimentos e canais de financiamento.

3. **ZERO, ZERO, ZERO** – No capítulo final<sup>4</sup> Roberto Saviano, desiludido com a impotência das autoridades repressoras ante o tráfico internacional, apesar das inúmeras apreensões levadas a efeito a todo o momento e prisões efetuadas ---, dá o título do livro – *Zero, zero, zero* – de resultados positivos, o que equivaleria ao nosso *enxugamento de gelo frenético mas inútil*, terminando por propor a sempre polêmica *liberalização do consumo das drogas em nível mundial*.

Vejamos na íntegra, o capítulo 19, até para que sirva de reflexão a tantos quantos lidam com esse sem dúvida relevante mister de combate às drogas e ao crime organizado<sup>5</sup>.

2 No porto de Santos, por exemplo, no mês de março de 2014, houve duas grandes apreensões de cocaína em contêineres destinados à Europa, pela Polícia Federal do Brasil, em colaboração com as agências americana e europeia de combate às drogas (cerca de uma tonelada e meia, numa das vezes, e mais de três toneladas numa segunda). A droga estava em mochilas em meio a carregamentos de sacas de café e algodão, e contou com a conivência de funcionários terceirizados no referido porto, na troca de lacres *clonados* que dispensariam nova inspeção pelas autoridades alfandegárias e de exportação.

3 Reportagem transmitida pela Rede Bandeirantes de Rádio e Televisão em 7-4-2014 sobre apreensão de drogas no porto de Santos dá conta de que, segundo levantamentos feitos pela O.N.U., o tráfico de drogas é o mais rentável “negócio” do planeta, ficando em terceiro lugar apenas após o petróleo e o turismo mundiais.

4 Cf. págs. 434-440.

5 Com nossa tradução do italiano original.

19.

000

Olhei o abismo e tornei-me um monstro. Não podia ser de outra maneira. Com uma das mãos descobri a origem da violência; com a outra toquei as raízes da ferocidade. Com um dos olhos observei os alicerces dos edifícios, com um ouvido auscultei o borbulhar dos fluxos financeiros. No começo é um caldeirão escuro, não se vê coisa alguma, apenas um burburinho sob a superfície, como o de um casulo de vermes que se expande para romper a casca. Depois as figuras se compõem, mas é ainda tudo confuso, embronário, sobreposto. Vais adiante, te esforças para recuperar as capacidades dos teus sentidos, te atiras no abismo. A cronologia dos poderes adquire um sentido, o sangue que se dividia em mil filetes, agora flui como em um rio, o dinheiro deixa de flutuar e se põe sobre a terra e podes conta-lo. Tu avanças um pouco mais. Tu te fixas com um pé na margem; agora estás quase suspenso no vazio. E depois ... escuridão. Como no início, mas desta vez não há mais o burburinho, há apenas uma mesa lisa e brilhante, um espelho de piche. E então entendes que passaste para o outro lado, e agora há o abismo que queres olhar dentro de ti. Vasculhar. Dissecar. Aprofundar. O abismo do narcotraficante que olha para dentro de ti é o rito todo compactado reassegurante da indignação. Não é o medo que não tem qualquer sentido. Seria muito fácil: individualizastes um alvo, e agora ele está a golpeá-lo, está a dominar a situação. O abismo do narcotráfico se abre sob um mundo que funciona, que é eficiente, que tem regras. Um mundo dotado de sentido. E então não acreditas mais em ninguém. Os meios de comunicação, a tua família, e teus amigos. Todos contam uma realidade que para ti é falsa. Lentamente tudo ti é estranho e o teu mundo se enche de novos protagonistas. O chefe, os massacres, os processos. Os massacres, as torturas, os cartéis. Os lucros, as ações, os bancos. Traições, suspeição, delações. A cocaína. Conheces apenas a eles, e eles te conhecem, mas isso não significa que aquilo que antes era o teu mundo desapareça. Não. Continuas a viver no meio. Continuas a fazer aquilo que fazias antes, mas agora as perguntas que te fazes provêm do abismo. O empreendedor, o professor, o dirigente. O estudante, o leiteiro, o policial. O amigo, o parente, a namorada. Provêm eles, também, do abismo? E mesmo se são honestos, a quanto se assemelham ao abismo? Não tens a suspeita de que sejam todos corruptos ou mafiosos, é alguma coisa de pior. Vistes no rosto que coisa é o homem e vistes em todos semelhanças com o nojo que conheces. Vê a sombra de cada um.

Tornaram-se um monstro.

Quando tudo que tens ao seu redor começar a rever esse tipo de reflexão. Quando inserires tudo no universo de sentido que construístes observando os poderes do narcotráfico. Quando tudo parecer ter sentido apenas para a outra parte, no abismo. Quando acontecer tudo isso, então te terás tornado um monstro. Berras, sussurras, gritas as tuas verdades, porque tens medo de que de outra forma evanesçam. E tudo aquilo que sempre vistes como felicidade, passear, fazer amor, ficar em fila para um concerto, nadar, torna-se supérfluo. Secundário. Menos importante. Dispensável. Tudo agora te parece inconstante e se vão se não dedicares energia à descoberta, ao registrar, ao narrar. Sacri-

ficastes tudo não só para entender, mas para mostrar, para indicar, para descrever o abismo. Valia a pena? Não. Não vale nunca a pena renunciar a um caminho que te conduza à felicidade. Ainda que pequena. Não vale nunca a pena, não obstante creias que o sacrifício seja recompensado pela história, pela ética, pelos olhares de aprovação. É só um momento. O único sacrifício possível é aquele de que não se espera recompensa. Eu não queria sacrifício, não queria recompensa. Queria entender, escrever, narrar. A todos. Ir de porta em porta, de casa em casa, de noite e de manhã para compartilhar esta história, mostrar essas feridas. Crente de haver escolhido os tons e palavras justas. Isto sim, queria. Mas a ferida dessas histórias me engoliu.

Para mim é muito trade. Teria mantido distância que não consegui vislumbrar. É aquilo que dizem frequentemente os jornalistas anglo-saxões: não te envolvas; ter um olhar equidistante entre ti e o objeto. Nunca o tive. Para mim é o contrário. Exatamente o contrário. Ter um olhar primeiro, para dentro, contaminado. Ser cronista não dos fatos mas da própria alma. E sobre a alma, como sobre a tela, como sobre a argila, imprimir aos objetos e as coisas que se veem, de tal forma que fique um sulco profundo. Mas um sulco que possa ser eliminado rejuntando aquela massa. Recompactando-a. No fim da própria alma permanece uma estrutura que podia assumir mil formas, mas assumiu nenhuma.

Indo atrás das histórias do narcotráfico aprendi a reconhecer o rosto das pessoas. Ou melhor, me convenci disso. Aprendi a saber se alguém foi amado quando criança, se o quiseram bem, se foi amparado, se cresceu com alguém ao lado, ou se foi obrigado a fugir com o rabo entre as pernas sempre. Entendi logo que vida teve. Se foi isolado, surrado, abandonado na rua. Ou se ao invés disso foi viciado até apodrecer no bem estar. Aprendi. E assim aprendi a tirar as medidas. Mas não aprendi a distinguir o mau do bom. Não sabes quem te está prejudicando ou quem te está roubando a alma, quem te está mentindo para ter uma entrevista ou quem te está contando aquilo que pensa querereres ouvir para agradar-te e ser imortalizado pelas tuas palavras. A certeza eu a levo internamente sem muitas tristezas resignadas: ninguém te avizinha senão para obter um favor. Um sorriso é uma maneira para baixar as tuas defesas, uma relação tem o fim de extorquir-te dinheiro ou uma história para contar ao jantar ou uma fotografia para mostrar a alguém como um trunfo. Acaba por raciocinares como um mafioso; fazes da paranoia a tua linha de raciocínio e agradeces ao povo pelo abismo por ter-te ensinado a suspeitar. Lealdade e confiança tornam-se duas palavras desconhecidas e suspeitas. À tua volta tens inimigos ou aproveitadores. Isto é hoje o meu viver. Parabéns a mim mesmo.

É muito fácil acreditar naquilo em que acreditavas no início desse percurso. Acreditar naquilo que dizia Thoreau: 'Não o amor, não o dinheiro, não a fama, dá-me a verdade'. Acreditavas que seguir esses caminhos, aqueles rios, farejar os continentes, imergir as pernas na lama pudesse servir para obter a verdade: renunciar a tudo para ter a verdade. Não funciona assim. Thoreau. Não se a encontra. Por mais que chegues a pensar teres entendido como se movem os mercados, mais te aproximadas das razões de quem corrompe que está perto de ti, de quem faz abrir os restaurantes e fecha os bancos, de quem,

está disposto a morrer pelo dinheiro, mais entendes os mecanismos e mais compreendes que era um caminho diferente do que aquele que deverias ter seguido. Por esse motivo não tenho maior respeito por mim, que vou perquirindo, tomando notas, preenchendo agendas, conservando sabores. Não tenho maior respeito por mim no final de um percurso incapaz de conferir-me felicidade e de compartilhá-la. E talvez não tenha nem mesmo a consciência disso. Sei apenas que não podia fazer outra coisa. E se tivesse agido diferentemente? Se tivesse escolhido a via linear da arte? Uma vida de escritor que alguém definiria puro, por exemplo, com as suas idiossincrasias, as suas psicoses, a sua normalidade. Contar histórias inspiradas. Aprimorar teu estilo e narração. Não o soube fazer. Sucedeu-me a vida de fugitivo, do corredor da história, do multiplicador de relatos. A vida do protegido, do santo herético; do culpado se nutre, do falso de jejua., da hipocrisia se abstém. Sou um monstro, como é monstro qualquer um que se sacrificou por algo que acreditou ser superior. Mas ainda conservo respeito. Respeito por quem lê. Por quem subtrai um tempo importante de sua vida para construir uma vida nova. Nada é mais poderoso que a leitura, ninguém é mais mentiroso de quem afirma que ler um livro é um gesto passivo. Ler, ouvir, estudar, entender é o único modo de construir vida além da vida, vida ao lado da própria vida. Ler é um ato perigoso porque confere forma e dimensão às palavras, as encarna e as divulga em todas as direções. Envolve tudo faz cair dos bolsos do mundo moedas e bilhetes e pó. Conhecer o narcotráfico, conhecer o vínculo entre a racionalidade do mal e do dinheiro, desvendar o véu que obnubila a suposta sabedoria do mundo. Conhecer é começar a mudar. A quem essas histórias comove, não as abandona, sente-as de fato, e as essas pessoas dirijo o meu respeito. Quem sente em si as palavras, quem as sente na pele, quem se constrói um novo vocabulário, está mudando o curso do mundo, porque entendeu como ora está. É como romper as correntes. As palavras são ações, são tecido conectivo. Apenas quem conhece essas histórias pode defender-se dessas histórias. Só quem as conta, ao filho, ao amigo, ao marido, apenas quem as leva aos lugares públicos, aos salões, às salas de aula, está articulando uma possibilidade de resistência. Para quem está só sobre o abismo é como estar em uma jaula, mas se estão em muitos que decidem afrontar o abismo, então as grades daquela cela se derreterão. E uma cela sem grades não é mais uma cela.

No Apocalipse de João se diz 'Tomei aquele pequeno livro do anjo e comi-o: doce como mel na boca, e nas vísceras se tornou amargo'. Creio que os leitores deveriam fazer isso com as palavras. Colocá-las na boca, mastiga-las, tritura-las e por fim engoli-las, para que a química de que são compostas faça efeito dentro de nós e ilumine a turbulência insuportável da noite, traçando a linha que distingue a felicidade da dor.

Tens como uma sensação de vazio quando as tuas palavras parecem ser valorizadas pela ameaça que assacam, como se tudo aquilo que dizes de repente viesse a ser ouvido apenas por quem se arrisca de levar-te à morte. Acontece o seguinte: sucede que o silêncio sobre estes temas não exista. Existe o burburinho: notícia de agência, processos, o traficante preso. Tudo se torna fisiológico. E quando tudo se torna fisiológico ninguém disso se dá conta.

E assim alguém escreve: escrevendo morre, escrevendo vem de ser ameaçado, escrevendo tropeça. Quando chega a ameaça, parece que por um pouco tempo uma parte do mundo se dá conta daquilo que foi escrito. Depois esquece. A verdade é que não há alternativa. A coca é um carburante. A coca é energia devastadora, terrível, mortal.

O autor, então, começa a tirar suas conclusões, que merece, por isso mesmo, maior destaque.

As prisões parecem não bastar nunca. As políticas de reação parecem sempre errar o objetivo. Por mais que possa parecer terrível, a legalização total das drogas poderia ser a única resposta. Talvez uma resposta horrenda, horrível, angustiante. Mas a única possível para bloquear tudo. Para parar os faturamentos que incham. Para parar a guerra. Ou ao menos é a única resposta que vem dar quando ao final de tudo perguntam-nos: e agora que se faz?

São anos que na minha cabeça cada dia me deixo envolver pelas vozes. As vozes de quem grita a plenos pulmões que o álcool é a substância que faz mais vítimas. São vozes agudas e contundentes, que de tempo em tempo são caladas por outras vozes, que se erguem intrépidas afirmando que sim, certo, o álcool faz mal, mas só se se abusa dele, se o gole de cerveja do sábado à noite se transforma em um hábito, e que há uma bela diferença com a coca. Depois vem o coro daqueles que pensam que a legalização seja um mal menor; no fundo, sugerem as vozes, a coca legal teria até mesmo um controle médico. E então legalizemos os homicídios!, rebate uma voz portentosa, de barítono, que por um instante cala todos. Mas o silêncio dura pouco porque como golpes de estilete chegam as reações grassnadas de quem sustenta que quem se droga no fundo faz mal apenas a si mesmo, e que se vetar a cocaína então é necessário vetar o tabaco, e que se diz que sim, então o Estado é um Estado-traficante, um Estado criminoso. E as armas, então? Não são piores? Ao que uma outra voz ainda --- esta pacata, com uma aparência de sabedoria que se acentua sobre consoantes --- afirma que as armas servem para defender-se, o tabaco pode-se usá-lo com moderação e ... Mas no fundo é um problema ético, e que quem somos nós para limitar com regras e decretos uma escolha pessoal?

Neste ponto as vozes se põem a encavalar e tudo se torna indistinto. A mixórdia de vozes acaba sempre assim. Com o silêncio. E devo partir de novo do começo. Mas estou convencido de que a legalização poderia verdadeiramente ser a solução. Porque vai golpear lá onde a cocaína encontra o seu terreno fértil, na lei econômica da procura e da oferta. Enxugando a demanda, tudo que atrás feneceria com uma flor privada de água. É um risco? E fantasia? O delírio de um monstro? Talvez. Ou talvez não. Talvez seja um outro fragmento do abismo que poucos têm a coragem de afrontar. Para mim a palavra 'narcocapitalismo' tornou-se um bolo que nada faz senão aumentar. Não consigo degluti-lo, cada esforço vai na direção oposta, e me arrisco a morrer sufocado. Todas as palavras que mastigo se aplicam ao bolo, e a massa se expande, como um tumor. Gostaria de coloca-lo para dentro e deixar que seja atacado pelos sucos gástricos. Mas não é possível. E é mesmo inútil porque sei já que encontraria um grãozinho de pó branco. Um grãozinho de cocaína. Por mais

que possa haver polícias e sequestros, a procura por coca será sempre enorme: quanto mais o mundo se torna veloz, mais há coca; mais não é tempo para relatos estáveis, por mudanças reais, mais há coca.

Acalmo-me, deve me acalmar. Me deito, olho para o teto. Colecionei muito nesses anos, dos tetos. Daqueles quase próximos ao nariz que tocas se só levantas o pescoço àqueles longínquos que debes fixar os olhos para entender se são afrescos ou manchas de umidade. Olho para ao teto e imagino o globo inteiro. O mundo é uma massa redonda que fermenta. Fermenta através do petróleo. Fermenta através do comércio. Fermenta através do gás. Fermenta através da web. Suprimidos esses ingredientes, há o risco de fenecer, decrescer. Mas há um ingrediente mais veloz de todos e que todos querem. É a coca. Um ingrediente sem o qual não poderia existir qualquer massa. Exatamente como a farinha. E não uma farinha qualquer. Uma farinha de qualidade. A melhor qualidade de farinha: 000.

**4. O Efeito Balão** – Sob esse título, o médico Dr. DRAUZIO VARELLA publicou no jornal Folha de S. Paulo artigo versando sobre os mesmos fatos aqui sumariados<sup>6</sup>.

Referindo-se a três reportagens da revista *The Economist*, que resume e comenta, parte do pressuposto de que todas as medidas adotadas em todo o mundo no combate ao tráfico de drogas são inúteis e ineficientes. Desta forma, chamada de *efeito balão* a circunstância de se *apertar* em alguns lugares com maior intensidade e energia esse comércio ilícito que, todavia, teimosamente sobrevive e reaparece em outros lugares.

Assim:

Com a ajuda bilionária dos Estados Unidos, o cerco ao plantio de coca na Colômbia, conduzido nos anos 1990 a 2000, reduziu a produção no país. Graças ao efeito balão, no entanto, as plantações se deslocaram para a Bolívia e Peru, o maior produtor atual. Pelo mesmo efeito, os laboratórios de refino foram transferidos para Equador e Venezuela, mudança que permitiu às quadrilhas mexicanas conquistar parte substancial do mercado americano e europeu. Por sua vez, a repressão sangrenta contra as gangues mexicanas dos últimos anos desviou a rota para a América Central. Honduras se tornou a porta de entrada para os aviões pequenos, de onde os carregamentos seguem por via terrestre na direção do México e Estados Unidos. A Honduras de hoje convive com o índice de homicídios mais alto do mundo. No ano passado, a pressão sobre os hondurenhos cortou 30% das aterrissagens clandestinas. Os traficantes encontraram mais facilidade de transporte por barcos que aportem da Venezuela para aportar na República Dominicana, Trinidad e Jamaica. Atacar as quadrilhas num país não causa apenas derramamento de sangue no local, as mortes são exportadas para outras regiões. A repressão na Colômbia é responsável por metade dos assassinatos no México. O impacto das apreensões é contraditório: a oferta diminui e o preço aumenta, oportunidade que atrai bandidos

---

6 Edição de 31-5-2014, Ilustrada, p. E-19.

mais violentos. É ilusão imaginar que a prisão dos barões da droga desarticula o mercado. Eles são homens experientes, disposto a resolver conflitos na mesa de negociações, enquanto os mais jovens que disputarão seus lugares tentarão fazê-lo dizimando os concorrentes. Quando uma quadrilha domina as demais, seu poder de corromper e de intimidar a população é tão grande que fica difícil desalojá-la. Mesmo se for eliminada, os armamentos deixados para trás e a rede de corrupção organizada persistirão por muito tempo.

**4.1 Drogas sintéticas.** O articulista se refere, ainda, a drogas sintéticas, que têm obtido cada vez mais aumento de mercado, não obstante o enorme esforço das autoridades europeias e norte-americanas nas campanhas educativas e da cada vez mais baixa qualidade das drogas, sobretudo, a cocaína e a heroína. Assim: *Fenômeno semelhante talvez esteja acontecendo no Brasil. Não há razões para otimismo, no entanto: as drogas sintéticas invadiram o mercado. Segundo o último relatório do 'Office on Drugs and Crime', da ONU, surgiram 348 novas drogas psicoativas, quase todas no período de 2008 a 2013.*

**4.2 Conclusão.** Assim como ROBERTO SAVIANO, o médico DRAUZIO VARELLA é, embora com clara e evidente contrariedade, pela descriminalização da produção e distribuição de drogas em geral, mas com ressalvas.

Com efeito, assevera que:

Na impossibilidade de dar fim às drogas, a única justificativa para insistir na guerra contra traficantes e usuários é a de reduzir a oferta para aumentar o preço no varejo, com a intenção de reduzir o consumo. É uma pretensão simplista com resultados pífios: apesar dos custos sociais, da violência urbana, das cadeias abarrotadas e dos bilhões de dólares investidos, o consumo cresce no mundo inteiro. O que falta para nos convenceremos de que esse modelo de enfrentamento é ridículo, caro e ineficiente? Legalizar, não significa liberar o consumo indiscriminadamente. É desenvolver estratégias para discipliná-lo, ajudar os usuários que desejam se livrar da dependência e tirar o poder das mãos dos criminosos.

Eis aí, por conseguinte, um material que, sem fazermos qualquer juízo de valor ou desde logo expremirmos uma opinião a favor ou contrária a essas duas pretensões, pode ser ponto de reflexão e de partida para uma futura adoção de medidas mais eficientes, audazes e menos custosas, sobretudo, em vidas humanas, na diminuição da droga adição.

